

**REPRESENTAÇÃO E ENSINO:
RESSIGNIFICAÇÃO DE CONTEÚDOS GEOGRÁFICOS POR MEIO DA MÚSICA**Marcos Antonio Correia¹
Salete Kozel²**RESUMO****REPRESENTAÇÃO E ENSINO: RESSIGNIFICAÇÃO DE CONTEÚDOS GEOGRÁFICOS POR MEIO DA MÚSICA**

Este artigo trata da representação social, cultural e geográfica e seu ensino, por meio da música em forma de canção, para resgatar a emoção e provocar a ressignificação de conteúdos geográficos. Divide-se em duas partes que tratam de sua origem e natureza, sendo subdividido em: caracterização do público alvo, e breve diagnóstico da turma a ser estudada e a relação da música e as aulas de geografia. A segunda parte relata o tratamento empírico metodológico e a utilização dos mapas mentais e atividades didático-pedagógicas na ressignificação dos conteúdos geográficos.

Palavras-chave: Geografia Escolar, Representações-Música, Ressignificação de conteúdos.

ABSTRACT**REPRESENTATION AND TEACHING: MEANING OF THE GEOGRAPHIC CONTENTS BY MUSICAL MEANS**

This article is about social representation, cultural and geographical in its teaching, by the mean of Music in shape of song, to ransom the emotion and achieve the process of rebuilding its meaning of geographical contents. It is divided in two parts which are about the origin and nature, being subdivided in: characterization and the focused public, making a brief diagnostic of the class that will be studied, and the relation among music and geography classes. The second part reports the empiric methodological treatment and the use of mental maps and didactic and pedagogical activities in the process of rebuilding the meaning of geographical contents.

Key-Words: School Geography, Representations-Music, Rebuilding the contents.

INTRODUÇÃO

O artigo trata do *ensino* de geografia por meio de musicalização de conteúdos geográficos. Tem como meta a utilização da música como instrumento didático pedagógico nas aulas, principalmente, no tocante aos conteúdos de ordem natural e física. Para tanto, observou-se alunos de uma turma de 1.^a Série de Ensino Básico em seu nível médio.

Este estudo se enquadra na *geografia escolar* e trata das representações advindas das próprias percepções, tendo por base mapas mentais, dos alunos envolvidos na prática escolar diária. Por este caminho, acredita-se transpor os conhecimentos científicos ao ambiente de ensino.

Teoricamente o texto, se afasta de uma geografia tradicional e parte para a geografia das representações, em atitude fenomenológica e representacional.

Este, articula-se em duas partes que tratam da origem e natureza do estudo, fazendo breve diagnóstico da turma observada e a relação da música com o ensino de geografia. A segunda parte relata o tratamento empírico metodológico e a utilização de mapas mentais e atividades didático-pedagógicas na ressignificação de conteúdos geográficos.

1.0 ORIGEM E NATUREZA

O interesse pelo assunto é fruto de anos de experiência, observando diariamente a realidade escolar de várias turmas de Ensino Básico da Rede Educacional do Estado do Paraná. Ele expressa a necessidade e preocupação de trazer e fazer algo diferenciado em relação às aulas de geografia, pois estas, a cada ano que passa, vem sendo desprestigiadas por parte dos alunos, chegando ao ponto de, alguns, afirmarem categoricamente, que não gostam e não querem estudar geografia.

Como diz Kaercher (2000, p. 136-8), os alunos pensam que a geografia é coisa da escola e dos professores de geografia. Para chegar a essa conclusão, que é muito semelhante a preocupações deste texto, ele relata que o ensino desta disciplina é árido, classificatório, distante da realidade, acentuadamente baseado na memorização, conteudista e muito presa aos livros didáticos, entre outros. No entanto, lembra que estas não são características apenas da geografia instituída na escola, pois atinge todas as outras disciplinas. Por outro lado, repara que estes procedimentos, usados com frequência, podem anular ou prejudicar o conhecimento praticado no ambiente escolar.

1- Ms em Geografia – Professor de Geografia da FAFI de União da Vitória-PR <korreya@uol.com.br>

2 - Dr.^a em Geografia - Professora de Geografia da UFPR. <skozel@ufpr.br>

Por acreditar que a renovação é movimento constante na vida, e principalmente no âmbito escolar, é que buscou-se a transposição de geografia acadêmica, unida ao senso comum, na busca da ressignificação de conteúdos geográficos abordados na escola.

No caso da geografia escolar, no que tange ao ensino, Cavalcanti (2005, p.29), coloca que o referencial teórico das representações sociais aparece no meio acadêmico como artifício para a compreensão de pensamentos na elaboração de conceitos e imagens geográficas, que os jovens realizam em seu dia-a-dia em vários ambientes, inclusive na escola.

O estudo das representações sociais tem, assim, como suporte a vida cotidiana e a atividade cognitiva dos sujeitos que as formam. Essa convicção de que o estudo do conteúdo das representações dos alunos sobre Geografia é um caminho para melhor conhecer o mundo vivido dos alunos suas concepções e seu processo de construção de conhecimento. (...) A Geografia trabalha com conceitos que fazem parte da vida cotidiana das pessoas e em geral elas possuem representações sobre tais conceitos. (Cavalcanti, 2005, p.32)

As representações apresentam-se como uma reorganização epistemológica no campo geográfico, criando novas frentes de pesquisa, notadamente na área didático-pedagógica. O trabalho pedagógico geográfico fica mais significativo, pois “ao trabalhar com pesquisas e análises das representações construídas pelas sociedades, considerando que o próprio aluno é agente de representações e conhecimentos necessários para o entendimento das relações estabelecidas na organização espacial”. (Kozel, 2006, p.145).

1.1.1 Caracterização do Grupo

Por questões de ordem metodológicas e aplicativas optou-se pela observação de uma turma³ do Ensino Médio, com 35 alunos do Colégio Estadual José de Anchieta do Núcleo de União da Vitória Estado do Paraná.

Com base no PPP-CEJA (2008)⁴, levantou-se, além de dados sócio econômicos, pedagógicos e outros, que grande parte dos alunos **ouvem música** e associam esta prática à outras atividades cotidianas.

O que chama a atenção é a grande importância que os alunos dão à música e a utilização de aparelhos eletrônicos no seu tempo interno e externo à escola. Este aspecto reforça a utilização da **música/canção** como instrumento auxiliar no processo ensino-aprendizagem. Haja vista, que a educação passa, hoje, por transformações, principalmente, no que diz respeito as suas finalidades e metodologias.

Os dados levantados advêm de questões, de certa forma, padronizados pela SEED-PR, pois esta instituiu o PPP (Plano Político Pedagógico) à todas as suas unidades educacionais do Estado do Paraná. Seu objetivo é levantar dados mínimos e gerais para tentar satisfazer necessidades prementes da comunidade estudantil. paranaense.

1.1.2 A Música nas Aulas de Geografia

A **música nas aulas de geografia**, tem preocupação inicial com ensino de educação formal básica. Surge devido a constatação de dificuldades didático-pedagógicas, advindas da transposição dos conhecimentos da geografia acadêmica, para a geografia escolar quando de sua aplicação, principalmente, nas séries iniciais do ensino médio. Acredita-se que este problema passa pela **ressignificação** de conteúdos geográficos, que em ambiente pedagógico deve ser teorizado e representado, para que, de forma agradável e interessante, ocorra a ligação entre os ensinamentos geográficos e a vida cotidiana do educando, com seus semelhantes em determinado lugar. Portanto:

A música auxilia na aprendizagem de várias matérias. Ela é componente histórico de qualquer época. (...) Os estudantes podem apreciar várias questões sociais e políticas, escutando canções, música clássica ou comédias musicais. O professor pode utilizar a música em vários segmentos do conhecimento, sempre de forma prazerosa, bem como: na expressão e comunicação, linguagem lógico-matemática, conhecimento científico. (...) A utilização da música (...), pode incentivar a participação, a cooperação, socialização, e assim destruir as barreiras que atrasam a democratização curricular do ensino. (Correia, 2003, p.84-85).

³ Denominada Turma A

⁴ Plano Político Pedagógico do Colégio Estadual José de Anchieta.

As impressões da turma confirmam resultados de vários trabalhos acadêmicos, que relatam ser a disciplina de geografia, na escola, e principalmente no ensino médio, uma das mais rejeitadas das disciplinas escolares. A maioria dos alunos independentes de sua situação sócio-econômica e cultural, diz que as aulas de geografia são em sua maioria: “monótonas, repetitivas, chatas, enfadonhas, muito teóricas e expositivas,”⁵ além de citarem vários problemas quanto a metodologias e procedimentos didáticos pedagógicos utilizados pelos professores em suas aulas.

Segundo Pereira (1996, p.48), alguns alunos do ensino básico vêem a disciplina de geografia como uma disciplina decorativa e inútil, isto ocorre porque os professores não conseguiram e não conseguem construir, de forma mais independente, os preceitos, consagrados pela geografia acadêmica em relação aos padrões descritivos dos fenômenos físicos e paisagísticos.

“Nas escolas brasileiras, a Geografia tinha um caráter decorativo e enciclopedista, focado na descrição do espaço, na formação e no fortalecimento do nacionalismo, com um papel significativo na consolidação do Estado Nacional Brasileiro. (...) Essa corrente (...) é conhecida como geografia tradicional.” (PARANÁ, 2006, p.17).

Este é, talvez, o maior problema no ensino de geografia, o qual vem de concepções acadêmicas da disciplina tratadas, tradicionalmente, e repassadas à educação, sem a elaboração de estudos apropriados na transposição e adaptações necessárias ao ambiente escolar.

Em relação aos comentários dos alunos, pode-se notar a confirmação do desgaste diante do tratamento metodológico imposto à geografia em seu fazer escolar. Isto vem confirmar o que a literatura científica relata, há algum tempo, de que os conhecimentos da disciplina acadêmica, transpostos na escola, não devem ser apenas repassados, mas sim, integrados e contextualizados na comunidade estudantil, para que estes ganhem credibilidade e importância em sua vida cotidiana.

Os comentários,⁶ logo abaixo, sobre as aulas de geografia, ilustram o pensamento predominante dos alunos.

QUADRO 01 – Comentário: aluno Turma A

“(...) Às vezes geografia se torna meio **monótona**, desde o início foi assim. Às vezes também falar sobre certas coisas dessa matéria se torna meio desnecessário. Claro que eu acho que ter aula de geografia é importante, saber cada ponto é necessário, mas eu ainda acho que até hoje eu não tive uma sequer aula de verdade, independente do professor. Não estou cobrando de ninguém, só quero dizer que precisamos de explicações mais especificadas, não **conteúdo em cima de conteúdo**, trabalho, sobre trabalho.”
“Deveríamos usar mais de aulas dinâmicas e menos apostilas, pois estamos sempre sentados ou copiando ou ouvindo o professor, e se torna **chato** depois de um tempo.”
“Poderiam ser mais dinâmicas, com trabalhos apresentados para que assim os alunos aprofundassem mais os temas. Diferenciar os tipos de aulas para que não fossem **cansativas** e sempre da mesma maneira, onde muitos alunos não concentram-se”.

FONTE: Dados da Pesquisa, União da Vitória-PR, 2008.

Pelo colocado, o aluno não desqualifica a disciplina, inclusive ressalta sua importância, mas o que fica claro é a questão da forma de se ensinar esta disciplina. O aluno usa a palavra “monótona” e diz: “desde o início foi assim”; não se sabe exatamente o que quer dizer com desde o início foi assim, mas acredita-se que queira se reportar a monotonia e a repetição, quando diz: “conteúdo em cima da conteúdo”, são constante nas aulas de geografia.

QUADRO 02 – Comentário: aluno Turma A

“As aulas teriam que ser **diversificadas**, a cada aula um assunto novo para que a gente se interessasse mais, e que fosse explicada de uma maneira que todos entendessem”.

FONTE: Dados da Pesquisa, União da Vitória-PR, 2008.

Aqui o estudante reforça questão da mesmice e usa o termo “chato” para dizer que depois de certo tempo se tornam cansativo. Também faz menção ao material didático, neste caso apostila, mas, pode-se dizer que os livros didáticos apresentam um padrão muito semelhante, de modo geral, tratam os assuntos de forma superficial, evasivos diluídos em assuntos abrangentes.

⁵ Resumo das opiniões dos alunos quando perguntados sobre as aulas de geografia durante sua vida escolar.

⁶ Transcrição *ipsis verbis* e *literis* dos comentários feitos pelos alunos.

QUADRO 03 – Comentário: aluno Turma A

*“Poderiam ser mais dinâmicas, com trabalhos apresentados para que assim os alunos aprofundassem mais os temas. Diferenciar os tipos de aulas para que não fossem **cansativas** e*

FONTE: Dados da Pesquisa, União da Vitória-PR, 2008.

Este comentário sugere mais trabalhos escolares para dinamizar as aulas e também que as aulas são “cansativas” e sempre da mesma forma; provoca a falta de concentração dos alunos. Aqui o aluno sugere, predominantemente, problemas de ordem didático-pedagógica.

Neste sentido, pode-se dizer que existem sérios problemas na formação do profissional licenciado em geografia, no que concerne a estrutura dos cursos de licenciaturas, que segundo alguns estudos, indicam falta de integração das disciplinas didático-pedagógicas às suas disciplinas acadêmicas, afetando sensivelmente a transposição desta ao ensino da disciplina.

Costa; Vlach (2008) mostra semelhante preocupação, em seu texto, o qual questiona a formação de professores de geografia, seu papel e como promovem a socialização desses saberes - as disciplinas são ‘gavetas’ que se encontram fechadas a totalidade dos conhecimentos científicos? Assim, surge a preocupação se existe fundamento teórico-metodológico e político-social no que tange ao ensino básico.

Estes comentários estão cheios de informações importantíssimas para se fazer constatações, considerações, interpretações e análises da situação do ensino de geografia nas escolas públicas do Estado.

Nesse sentido, busca-se uma geografia que atenda as expectativas dos alunos, pois, eles procuram relacionar o mundo real, do qual vivem, ao mundo das teorizações geográficas, para que este fazer tenha sentido e importância a ele.

O artigo, mesmo adotando abordagem diferenciada, procura não se afastar dos conteúdos institucionalizados, pois, como consta nos PCNs:

(...) a estética da sensibilidade vem substituir a da repetição e padronização, hegemônica na era das revoluções industriais. Ela estimula a criatividade, o espírito inventivo, a curiosidade pelo inusitado, a **afetividade**, para facilitar a constituição de identidades capazes de suportar a inquietação, conviver com o incerto, o imprevisível e o diferente. (...) Por esta razão, procura não limitar o lúdico a espaços e tempos exclusivos, mas integrar diversão, alegria e senso de humor a dimensões de vida muitas vezes consideradas afetivamente austeras, como a escola, o trabalho, os deveres, a rotina cotidiana. (...), é um substrato indispensável para uma pedagogia que se quer brasileira, portadora da riqueza de cores, **sons** e sabores. (BRASIL-PCNs, 1999, p.75-6).

2.0 MAPAS MENTAIS E ATIVIDADES DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS

Quanto ao tratamento empírico metodológico buscou-se a resignificação de conteúdos geográficos por meio das representações sociais. Esses conteúdos e suas respectivas atividades direcionam-se aos principais temas referentes ao *Planeta Terra* e o espaço mais próximo (Lugar) do indivíduo em seu cotidiano – o *mundo vivido*. Estes constam no planejamento anual baseados nos PCNs e nos (DCE) do Estado do Paraná.

Por se tratar de representações individuais e coletivas, em ambiente escolar, optou-se pela utilização dos *mapas mentais*⁷, adaptados e amparados pela metodologia Kozel (2007, p.133-36).

80

⁷ Os mapas mentais, que neste artigo assumem denominação de concepção sógnico-imagéticas advem de percepções individuais subjetivas, que passam pelo coletivo através de padrões culturais intersubjetivados, os quais realimentam a produção e disseminação de saberes geográficos.

QUADRO 5 – Metodologia Kozel adaptada às atividades didático-pedagógicas

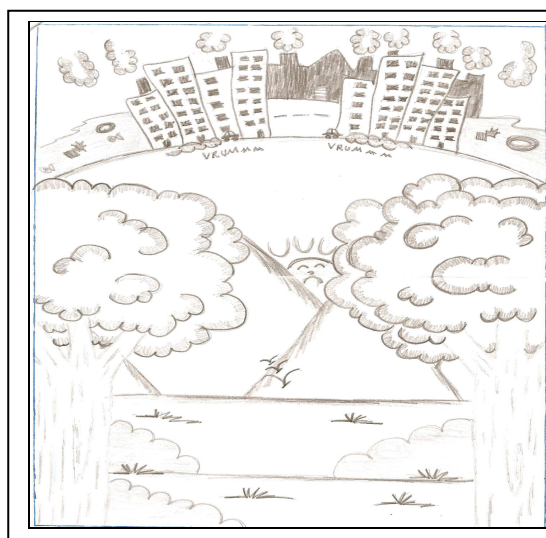
- 1 - Interpretação quanto à forma de representação dos elementos na imagem;**
aparecem na imagem como ícones diversos, letras mapas, linhas, figuras geométricas etc...
- 2 - Interpretação quanto a distribuição dos elementos na imagem;**
como as formas estão dispostas na folha. Por exemplo: aparecem isoladamente, dispersas, em quadros, em perspectivas.
- 3 - Interpretação quanto à especificidade dos ícones;**
- representação dos elementos da **paisagem natural**
- representação dos elementos da **paisagem construída**
- representação dos **elementos móveis**
- representação dos **elementos humanos**
- 4 - Apresentação de outros aspectos ou particularidades:**
- O que os mapas mentais e as atividades podem mostrar além dos elementos colocados nos quesitos anteriores.
- A importância da ciência geográfica para a utilização consciente dos espaços;
- Conscientização em relação aos problemas sócioambientais e a natureza em geral;
- O cotidiano do aluno (ser humano) em seu lugar (mundo vivido);
- Grau de percepção e representação topofílica;
- Identificação de categorias e elementos geográficos;
- Outras formas de percepções e representações do espaço geográfico.

FONTE: Dados da Pesquisa - União da Vitória-PR, 2008.

QUADRO 6 – Conteúdos Básicos

- Os objetivos observados e estudados com auxílio de canções foram:**
- 1 - A Geografia como ciência – percepção e representação espacial;
 - 2 - O Ser humano (aluno-ator social) em seu espaço vivido no cotidiano;
 - 3 - Planeta Terra-Lugar: agentes internos e externos – percepção espacial;
 - 4 - Lugar: dimensão cultural – aspectos topofílicos
 - 5 - Elementos da Natureza – aspectos estéticos;
 - 6 - O meio ambiente: dimensão sócioambiental: percepção e representação.

FONTE: Dados da Pesquisa - União da Vitória-PR, 2008.



Mãos Unidas

Sabendo da situação
O mundo precisa de união
Um mundo tão cruel,
Ainda pode ter solução.
Devemos ter paciência,
Pois apesar de tanto egoísmo,
Uma hora eles criam consciência.
Enquanto isso,
Vivemos de esperança,
Num mundo sem segurança,
Todos agem como criança,
Mesmo sabendo do fim.
As notícias correm
E milhares de pessoas morrem,
Ainda esperando por dias melhores.

FIGURA 1 – Vanessa (ilustração): Poesia ilustrada – Mãos Unidas (8)

⁸ Figura retirada da Dissertação (Representação e Ensino – A Música nas Aulas de Geografia: Emoção e Razão nas Representações Geográficas). Correia, Marcos Antonio, 2009.

⁹ Dimensões (econômicas, geopolíticas, sócio-ambiental e cultural), junto aos conteúdos estruturantes e básicos, integram termos constantes nos DCE (Diretrizes Curriculares Educacionais) do Paraná.

os quais auxiliam na organização das informações advindas deste mapa mental. Assim, as percepções individuais serão concebidas **subjetivamente** (primeiras representações) e, posteriormente, compartilhadas **intersubjetivamente** (representações sociais e geográficas); **objetivando os conhecimentos geográficos por meio da música.**

No momento intersubjetivo, o ciclo de produção e disseminação dos conhecimentos geográficos, ocorrem pela materialização de várias atividades pedagógicas, as quais exploraram as percepções individuais compartilhadas com outros indivíduos do grupo que sistematizaram materialmente suas imagens mentais, através de várias formas de atividades didáticas, externalizando assim, por meio de representações geográficas, as suas percepções do mundo vivido em seu cotidiano.

Na seqüência observa-se a investigação e compreensão de fenômenos espaciais, levando-se em conta as principais categorias da geografia – **lugar, paisagem, região, território, natureza e sociedade**¹⁰ – moldadas pelo ser humano e suas ações. Na continuidade sugerem contextualização sócio-cultural, na busca das formas visíveis e concretas do espaço geográfico, manifestados no cotidiano, individual e coletivo dos alunos e das pessoas de modo geral (atingidos em aspectos: natural, social, cultural e política) em determinado lugar – “lugar/mundo” – as quais concretizam suas vidas e realidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A geografia, em atitude fenomenológica, abre novos horizontes à Geografia Cultural Humanista e Social, pois evidencia a experiência humana individual elaborada nos feitos culturais as quais se revelam nas representações mentais.

Na Geografia Escolar, no que tange às representações, a tônica está no ensino, visto que esta demonstra grande capacidade em atender os interesses didático-pedagógico da disciplina.

Nesse sentido, é importante frisar que o objetivo primordial do texto é mostrar aspectos, como: processo e construções mentais, imagens, conceitos, idéias e teorias, concebidas pelos alunos e reproduzidas em forma de “**mapas mentais,**” que hoje, tratados de maneira ampla, ultrapassam as questões cartográficas e se caracteriza em aporte indispensável na **ressignificações** de conceitos e temas geográficos.

O trabalho pedagógico tendo a música como instrumento, pode mudar o foco do ensino-aprendizagem de qualquer saber, e no caso específico da geografia, concatena-se harmoniosamente possibilitando uma atitude fenomenológica na elaboração e representação dos conhecimentos geográficos.

¹⁰ Retirados de Lana de S. Cavalcanti – Geografia, Escola e Construção de conhecimentos.

REFERÊNCIAS

- BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais: Ensino Médio**. Brasília: Ministério da Educação, 1999
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, Escola e Construção de Conhecimentos**. 8.ed. Campinas-SP: Papyrus, 2005.
- CORREIA, Marcos Antonio. **Música na Educação: uma possibilidade pedagógica**. Revista Luminária, União da Vitória-PR, n. 6, p. 83-87. 2003. FAFI- União da Vitória. ISSN 1519-745-X
- COSTA, Lucimeire Silva; VLACH, V.Rúbia Farias. **O Curso de Licenciatura de Geografia em Debate**. Disponível em: <<http://www.ichs.ufop.br/conifes/anais/EDU/edu1415.htm>> Acesso em: 15 set. 2008.
- KAERCHER, Nestor André. Geografizando o Jornal e Outros Cotidianos: práticas em geografia para além do livro didático. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; CALLAI, H. Copetti; KAERCHER, Nestor A. (Org.). **Ensino de Geografia: Práticas e textualizações no cotidiano**. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2000. p. 135-169.
- KOZEL, Salete. Comunicando e Representando: Mapas Como Construções Socioculturais. In: SEEMANN, Jörn. (Org.) **A Aventura Cartográfica: Perspectivas, pesquisas e reflexões sobre a cartografia humana**. Fortaleza-CE: Expressão, 2006. p.131-149.
- KOZEL, Salete. Mapas Mentais – Uma forma de linguagem: perspectivas metodológicas. In: KOZEL, Salete; SILVA, Josué da Costa; GIL FILHO, Sylvio Fausto. (Org.). **Da Percepção e Cognição à Representação: reconstrução teórica da geografia cultural humanista**. São Paulo: Terceira Mensagem, 2007.
- PARANÁ. SEED - Secretaria de Estado da Educação do Estado do Paraná. **DCE - Diretrizes Curriculares de Geografia p/ a Educ. Básica**. Curitiba-PR, 2006. 54 p.
- PEREIRA, Diamantino. Geografia escolar: uma questão de identidade. In: **Cadernos CEDES**. (39): p. 47-56, dez. 1996.
- PPP-CEJA. **Projeto Político Pedagógico - Colégio Estadual José de Anchieta**. Julho de 2008. Uva/Paraná. p. 55. (SEED-PR/ Núcleo de União da Vitória).